

A ambiguidade sob a ótica de falantes nativos e não nativos da Língua Portuguesa (PB)

The Ambiguity from the Perspective of Native and Non-native Portuguese of Native and Non-native Portuguese Speakers (PT-BR)

Larissa Fernandes Barbosa¹

Universidade Federal de Juiz de Fora - Brasil

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar algumas questões do campo da semântica, especificamente a percepção da ambiguidade por falantes nativos e não nativos de PB. Partimos de uma explicação de conceitos e teorias da área da semântica, em seguida, apresentamos a metodologia, a análise e os resultados. Como conclusão, inferimos que talvez haja o que chamaremos aqui de força de significação em sentenças ambíguas. Essa força de significação seria representada pelo fato de que uma interpretação sempre se sobressairá sobre a outra interpretação. Sempre haverá uma interpretação mais fácil de ser reconhecida.

PALAVRAS-CHAVE:

Semântica. Ambiguidade. Referente. Falante nativo do PB e falante não nativo de PB.

ABSTRACT

This work aims to analyze some issues in the field of semantics, specifically the perception of ambiguity by native and non-native speakers of PT-BR. We start from an explanation of concepts and theories in semantics, then we present the methodology, analysis and results. As a conclusion, we infer that perhaps there is what we will call here a force of meaning in ambiguous sentences. This power of meaning would be represented by the fact that an interpretation will always stand out over the other interpretation. There will always be an interpretation that is easier to recognize.

KEYWORDS:

Semantics. Ambiguity. Referent. Native speaker of PT-BR and non-native speaker of PT-BR.

Recebido em: 29/09/2021

Aceito em: 05/01/2022

¹ E-mail: larissa.barbosa@letras.ufjf.br | ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4705-8416>

1. Introdução

Este trabalho surgiu como atividade avaliativa de uma matéria do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFJF. A partir de reflexões do que foi estudado durante o curso e tendo como dado motivador a seguinte sentença *O cachorro do vizinho está no quintal* nasce o presente artigo. Além das reflexões sobre semântica feitas a partir da sentença motivadora, outro aspecto que contribuiu para a definição do problema do experimento foi a área de Português para estrangeiros, doravante PLE. Definiu-se, portanto, que a investigação realizada seria em torno da ambiguidade da sentença *O cachorro do vizinho está no quintal*.

A pergunta motivadora para a análise era: será que os falantes de PB reconhecem facilmente a ambiguidade de tal sentença? Será que esses falantes têm preferência por uma interpretação? Será que uma interpretação se sobressai sobre a outra? Se sim, por quê? Qual é o fator motivador? Além dessas perguntas, também foi questionado: será que existe diferença entre a interpretação que os brasileiros fazem e os estrangeiros? Será que os estrangeiros e os brasileiros interpretam a sentença da mesma forma? Será que explicam a ambiguidade, quando percebida, da mesma maneira? Será que o nível de proficiência dos estrangeiros interfere na interpretação que possuem da frase? Espera-se que quanto maior o nível de proficiência, mais fácil será a percepção da ambiguidade. Da mesma forma, acontece com os brasileiros, quanto mais tempo (idade) possuem, mais reflexões já fizeram sobre a língua, e portanto, mais fácil será a percepção e explicação da ambiguidade. Logo, a relação que possuem com a LP interfere na interpretação de tal sentença.

Os dados foram obtidos a partir da consulta a participantes que possuem relações diferentes com a língua portuguesa. Alguns participantes são nativos, nasceram e vivem no Brasil; outros apesarem de terem nascido no Brasil e vivido no país até certa idade, hoje residem em outros países já a algum tempo. E outros são estrangeiros que estudam a língua portuguesa. Nosso objetivo foi analisar se essas diferentes relações que cada participante possui com a língua interfere na interpretação da sentença.

2. Semântica

Iniciaremos o presente trabalho contextualizando o campo de estudo dos significados das palavras e das sentenças. O presente artigo apoia-se em algumas premissas: a premissa de que o falante de uma língua irá agir através da língua a partir do seu conhecimento específico sobre a

língua e a linguagem. Entendemos o conhecimento da língua, como gramática, ou seja, o sistema de regras e/ou princípios que governam o uso dos signos da língua como Cançado (2008) pontuou em seu Manual de Linguística:

A linguística assume que o falante de qualquer língua possui diferentes tipos de conhecimento em sua gramática: o vocabulário adquirido, como pronunciar as palavras, como construir as palavras, como construir as sentenças e como entender o significado das palavras e das sentenças. (CANÇADO, 2008, p.15).

No presente trabalho, iremos focar em investigar o conhecimento da gramática de falantes nativos e não nativos de Português, especificamente como eles entendem o significado das palavras e das sentenças. Iremos investigar como os estrangeiros e brasileiros compreendem o significado da palavra cachorro em uma sentença ambígua específica O cachorro do vizinho está no quintal. Buscaremos, portanto, descrever o conhecimento semântico que brasileiros e estrangeiros possuem sobre essa sentença ambígua da língua portuguesa. Dessa forma, iremos investigar se o conhecimento semântico que os participantes têm da língua portuguesa lhes permite saber e reconhecer a ambiguidade existente em uma sentença específica. Investigaremos, portanto, se esse conhecimento permite ao falante de Português saber que a sentença pode se referir a duas situações diferentes no mundo. Espera-se que seja mais fácil para o falante nativo de português atribuir duas interpretações para uma mesma sentença do que para um falante não nativo.

Investigaremos, portanto, como os diferentes falantes de português interpretam a sentença isolada de seu contexto. Lidaremos com o processo de construção de significado tendo como foco principal a palavra cachorro (como a menor unidade de análise) e a sentença O cachorro do vizinho está o quintal (como a maior unidade de análise). Ao final da análise, conseguiremos compreender se as intuições sobre a palavra cachorro são as mesmas entre os falantes nativos e não nativos. Investigaremos ainda se os falantes da língua são capazes de atribuir a ambiguidade ao item lexical cachorro. Logo, investigaremos a relação entre a língua e o mundo.

No que diz respeito à natureza do significado, segundo Cançado (2008:23) há duas teorias “para alguns linguistas, o significado é associado a uma noção de referência, ou seja, da ligação entre as expressões linguísticas e o mundo; para outros, o significado está associado a uma representação mental.” Entenderemos referência como explicou Cançado (2008:24) “uma relação

entre expressões e objetos extralinguísticos”.

2.1. Ambiguidade e vagueza

Sabemos que entender a atribuição de significado às palavras não é uma tarefa fácil. Dar significado a uma palavra e sentença fora de contexto não parece ser muito justo com os falantes de uma língua, por isso, num segundo momento do formulário apresentado aos participantes, foi investigado como o significado da palavra *cachorro* seria estabelecido/construído a partir de um determinado contexto. Não sei se é adequado utilizar o termo contexto aqui, já que utilizamos contexto para falar de interações reais da língua. Falaremos, então, de referentes. Dessa forma, apresentei duas imagens aos participantes. A intenção era investigar se agora seria mais fácil definir o significado da palavra dando mais informações sobre um possível contexto da sentença. Será que apresentando dois possíveis referentes no mundo para a palavra *cachorro* o significado da palavra se manteria o mesmo desde a primeira análise, em que os participantes só possuíam a informação linguística da sentença, ou o significado da palavra seguiria para diferentes caminhos? O objetivo principal em utilizar imagens é verificar se as informações de um possível contexto iriam definir qual o sentido a ser selecionado pelo participante.

É importante ressaltar que trataremos aqui da ambiguidade lexical, ou seja, a ambiguidade através da palavra que é associada a mais de um significado. A ambiguidade lexical pode se dar a partir de dois fenômenos distintos: a homonímia e a polissemia. A homonímia ocorre quando os sentidos da palavra ambígua não são relacionados. No nosso caso, temos a palavra *cachorro* que tem sentidos diferentes para a mesma grafia:

- a. CACHORRO – animal
- b. CACHORRO – homem com mau caráter.

Em *O cachorro do vizinho está no quintal*, temos duas interpretações:

- a. O cachorro que o homem tem, ou
- b. o cachorro que o Paulo é.

O que gera esta ambiguidade é a preposição *de*.

Temos, também, nessa mesma sentença, a ambiguidade referente aos papéis temáticos. Se interpretarmos *cachorro* como um substantivo, referindo-se a animal, o homem é o possuidor; já se interpretarmos *cachorro* como um adjetivo, o homem será aquele que recebe uma característica.

2.2. Referência e Sentido

Existem três grandes abordagens em semântica: a referencial, a mentalista e a pragmática. No presente trabalho iremos tratar da referencial. Segundo Chierchia (2003:45) “as palavras são associadas por convenção a objetos”.

De acordo com a abordagem referencial o significado de uma palavra pode ser explicado a partir da relação estabelecida entre uma palavra e um objeto ao qual a palavra se refere. Daí o motivo de usar imagens na segunda parte do formulário. A partir da apresentação das imagens foi possível investigar se os falantes da língua conseguiriam explicar os significados atribuídos ao léxico *cachorro* a partir da relação entre a palavra e o objeto ao qual a palavra se refere.

As expressões referenciais podem ser sintagmas nominais (SNs) e se referir a um ou mais objetos no mundo. Elas podem também ser sentenças (Ss) e dessa forma a sua referência diz respeito ao seu valor de verdade e falsidade.

Observe abaixo:

Relações de Referência (adaptado de Chierchia e McConnell-Ginet, 1990:58 apud Caçado, 2008:76)

Tabela 1.

	Expressão	Referência
Categoria	SNs Referenciais	Objetos no mundo
Exemplo:	O cachorro	1. O objeto cachorro animal no mundo. 2. O objeto homem no mundo.
Categoria	Ss	Verdadeiro ou Falso
Exemplo:	O cachorro do vizinho está no quintal.	_____

O foco, nesse artigo, é as referências estabelecidas pelos sintagmas nominais. Existem vários tipos de referência para os sintagmas nominais. Explicarei aqui apenas o tipo de referência presente no sintagma nominal *O cachorro do vizinho*. A referência presente nesse sintagma nominal parece ser a referência singular definida, pois em um contexto da enunciação particular, o SN fornece ao interlocutor uma descrição detalhada do objeto no mundo, permitindo distingui-lo de todos ou outros cachorros do universo do discurso. Pode-se identificar assim o referente.

Em um contexto particular, a expressão *O cachorro do vizinho* pode ser usada para

descrever um único referente. Tentaremos investigar também se a referência de uma expressão depende do seu sentido e das circunstâncias. A partir das teorias semânticas parece que a noção de referência não é suficiente para abordar a questão do significado. Dessa forma, parece que a referência de uma expressão depende do seu sentido e das circunstâncias. Logo, as experiências dos falantes de PB irão interferir na interpretação de expressões como o SN – *O cachorro do vizinho*.

Esse SN é uma mesma expressão que tem referência no mundo e sentidos diferentes. Mas será que os brasileiros e estrangeiros percebem isso da mesma forma?

A partir da classificação de sentido e referência, temos o quadro abaixo:

Tabela 2. Classificação de Frege para Sentido e Referência

Categoria	SNs referenciais	Objeto	Conceitos individuais
Exemplo	O cachorro do vizinho	Cachorro – animal Cachorro – homem de mau caráter.	O conceito de melhor amigo do homem, bicho de estimação. O conceito de homem pouco confiável, capaz de atitudes traiçoeiras etc.
Categoria	Ss	Verdadeiro ou Falso	Proposições
Exemplo	O cachorro do vizinho está no quintal.	_____	A proposição que o cachorro do vizinho está no quintal. A proposição de que o vizinho de mau caráter está no quintal.

Classificação de Frege para Sentido e Referência (quadro adaptado de Chierchia e McConnell-Ginet, 1990:58 apud Cançado, 2008:83)

Como aponta Chierchia (2003):

A linguagem é um instrumento central para a existência da espécie humana tal como a conhecemos. Permite a transmissão imediata de pensamentos sempre novos e a manipulação de informações com qualquer grau de complexidade acerca do ambiente que nos cerca. Na nossa vida cotidiana, servimo-nos dela para os mais diversos fins sem nos dar conta disso, da mesma forma como não paramos para pensar na eficiência e complexidade da visão (CHIERCHIA, 2003, p.22).

A partir dessa fala do Chierchia tem-se a relevância desse tipo de análise presente neste artigo. Chierchia ainda distingue referência e sentido. Sentido é toda a informação que a expressão traz consigo. Logo, o sentido de “*O cachorro do vizinho*” pode ser algo como o animal, o bicho de

estimação, o melhor amigo do homem como o homem não confiável, de mau caráter etc.

Segundo a abordagem representacional ou mentalística, a palavra *cachorro* está associada à imagem mental de cachorro. Porém, segundo Chierchia, as associações que um falante faz de uma mesma expressão varia muito de falante para falante. O objetivo, portanto, aqui, é verificar se aquilo que um falante associa a uma mesma expressão varia muito de um falante para outro. E se essa variação é ainda maior entre falantes nativos da língua e falantes não nativos.

2.3. A abordagem pragmático-social

Segundo Chierchia (2003), o significado de uma sentença como *O cachorro do vizinho está no quintal* não seria determinado apenas pela gramática do português, mas sim pela história da comunidade linguística que a usa. Dessa forma, essa sentença pode ser interpretada como uma ordem, pedido, insulto, pergunta.

Conforme o autor, há um significado único para uma mesma sentença determinado pela gramática e que todos os usuários daquela língua conseguem compreender. Porém, apesar do significado ser único, podemos utilizar essa sentença de significado único para executar diferentes atos com intenções distintas.

Nesse artigo iremos considerar essa abordagem também e ver se num segundo momento do formulário apresentado aos participantes, se eles são capazes de perceber os diferentes usos de uma mesma sentença. Analisaremos se os fatores de natureza extragramatical irá ajudar os participantes a pensar nos diferentes usos da sentença. Também iremos analisar se o significado da sentença dado pelos participantes é único como defende Chierchia.

2.4. Semântica lexical

Em Saeed (2003), o autor dedica um capítulo inteiro ao estudo da significação da palavra: semântica lexical. Segundo Saeed a significação de uma palavra é também definida por suas relações com outras palavras. Dessa forma, podemos pensar que na sentença analisada *O cachorro do vizinho está no quintal*, a relação da palavra *quintal* com *cachorro* levará o participante a compreender o cachorro como animal, mamífero, melhor amigo do homem etc. Isso aconteceria já que é comum cachorros ficarem no quintal. Por outro lado, se tivéssemos a palavra *bar*, ao invés de *quintal*, a relação entre as palavras *bar* e *cachorro* levaria o participante a entender o cachorro

como adjetivo de homem com mau caráter. Pois, é mais comum ver um homem em um bar do que um cachorro. Da mesma forma, poderíamos pensar na relação entre *cachorro* e *brigando com a vizinha no lugar de quintal*. Assim, essa relação entre as palavras também iria levar o participante a inferir que cachorro é um adjetivo de vizinho.

Considerando ainda o que Chierchia (2003) diz sobre as relações lexicais, podemos dizer que a relação entre cachorro [mamífero, animal etc] e cachorro [homem de mau caráter] é chamada de homonímia, ou seja uma mesma palavra com sentido não relacionado. Essa relação ainda é de subtipo homógrafo – mesma grafia e sentido diferente.

3. Metodologia

No presente trabalho optamos pela entrevista através de formulário como técnica de coleta de dados. Como elucida Manzini (1990/1991), “no nosso dia a dia estamos constantemente fazendo indagações ou sendo indagados, porém de uma maneira informal”.

A partir do problema de investigação definido, dentre os vários tipos de pesquisa optou-se pelo formulário. O objetivo central da pesquisa é entender como falantes nativos de português e falantes não nativos de português compreendem uma frase ambígua específica.

A entrevista em formato de formulário se fez um instrumento eficaz de coleta de dados nesse experimento, pois a partir do problema de pesquisa ser definido viu-se que as informações necessárias para análise eram de natureza de registro apenas na memória ou pensamento das pessoas. Logo, o formulário foi um instrumento adequado para estudar o fenômeno.

Manzini (1990/1991) aponta que a elaboração de um roteiro de perguntas começando pelas mais simples até as mais elaboradas é uma boa estratégia para uma participação melhor. Dessa forma a ordem das perguntas no formulário de pesquisa foi: 1. Digite seu nome completo; 2. Digite sua idade; 3. Selecione uma das opções abaixo: () sou brasileiro () sou estrangeiro; 4. Digite a sua nacionalidade; 5. Quantos anos já tem que você está estudando a Língua Portuguesa? Obs: Essa pergunta deve ser respondida apenas pelos estrangeiros. 6. Selecione o seu nível de proficiência em Língua Portuguesa: () Elementar () Básico () Intermediário () Avançado; 7. Agora, observe a frase abaixo e explique o seu significado: *O cachorro do vizinho está no quintal.*; 8. Observe as imagens abaixo e selecione a imagem que você acredita representar o que está sendo dito na frase; 9. Você consegue perceber a ambiguidade que existe na frase "O cachorro do vizinho está no quintal"? Se a resposta for sim, explique essa ambiguidade; 10. Antes de ver as imagens acima, você já tinha pensado na ambiguidade dessa frase? () Sim () Não.

Foi decidido que o formulário seria dividido em duas sessões: Formulário 1 e Formulário 2. O primeiro formulário incluiria apenas informações pessoais e a interpretação da frase e o formulário 2 incluiria apresentação de um contexto ou melhor dizendo de dois referentes possíveis no mundo para a palavra *cachorro* e a reflexão sobre ambiguidade. A divisão foi feita dessa forma para que não houvesse interferência de algumas questões sobre questões anteriores.

Foi pedido primeiramente que os participantes escrevessem os seus nomes (apenas para identificação durante a manipulação dos dados, já que suas identidades foram mantidas em sigilo). Pediu-se a idade, pois dessa forma poderíamos analisar se o fator idade implicaria, juntamente com os fatores nível de proficiência e quantos anos já tem que estudam a Língua Portuguesa, mudanças na interpretação da sentença. Também foi pedido para informarem a sua nacionalidade e se eram estrangeiros ou não para que depois em análise pudéssemos comparar as interpretações dos falantes nativos e não nativos de Língua Portuguesa.

A escolha por 6 níveis de proficiência em Língua Portuguesa foi influenciada pelos níveis de proficiência presentes no CELPE-BRAS (Certificado de proficiência em LP). Essa influência foi devido à experiência da pesquisadora como aplicadora em algumas edições do exame e pelo fato de que alguns estrangeiros participantes já poderiam ter realizado o exame e dessa forma poder dar uma resposta mais precisa quanto ao seu nível de proficiência.

Na questão 8, foram apresentadas duas imagens para que a partir daí analisássemos a ambiguidade e a questão de referente no mundo. As questões 9 e 10 foram dedicadas às reflexões acerca da ambiguidade.

3. Análise

Ao todo participaram da pesquisa 12 pessoas, 6 estrangeiros e 6 brasileiros. A escolha dos participantes foi feita de forma que tivesse uma variedade de experiência com a língua portuguesa. Entre os estrangeiros temos: Fr, Nich, Marc, Mnabel, Se Hy e Kazu. Entre os brasileiros temos: Uya, Gab, Sidn, Jess, May e Ale).

Fr e Mnabel são estrangeiros e foram alunos do curso de PLE oferecido pela UFJF no programa idiomas sem fronteiras no ano de 2020; a Sidn e o Nich são mãe e filho, ela é brasileira e mora há muitos anos nos EUA, ele nasceu nos EUA, tem dupla nacionalidade, mas aprendeu português com 8 anos quando os pais o mandaram passar férias no Brasil. Quando o Nich veio para o Brasil ele falava muito pouco o português, seus pais falavam o português em casa, mas

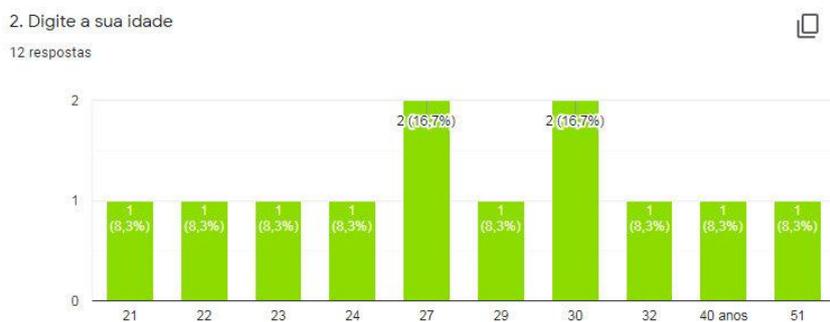
Comentado [*1]:** O que o CELPE bras tem a ver com isso?

Comentado [*2]:** Larissa, você fez uma série de considerações sobre os participantes: idade, nível de inserção na língua portuguesa. Entretanto, sua análise não usa nenhum desses elementos como parâmetro. É importante que haja coerência uma coisa e outra.

muito pouco. Dessa forma, o Nich tinha o português como língua de herança, mas ao vir para o Brasil essa língua se tornou uma segunda língua, já que falamos de português como segunda língua, quando um estrangeiro aprende o português em contexto de imersão; Marc é um estrangeiro que ficou três meses no Brasil e teve aulas de português para estrangeiros durante um mês, portanto seu nível de proficiência está entre elementar e básico; Se Hy também é estrangeiro e ficou no Brasil um ano e teve aulas de PLE na UFJF, estuda o português há 3 anos e seu nível de proficiência é intermediário; Uya é uma brasileira que mora na Itália e hoje tem uma filha que possui o português como língua de herança. Gab é brasileiro e é estudante de matemática na UFJF; Jess é brasileira, mãe e artesã, possui o ensino médio completo; Kazu é um japonês que ficou no Brasil durante um ano, teve aulas de PLE na UFJF e estudou o português por quatro anos; Mai é brasileira de 32 anos e advogada e Ale é um brasileiro que foi morar fora do país aos 12 anos de idade e retornou aos 23 anos, hoje ele está com 30 anos.

De acordo com o gráfico abaixo temos que a idade dos participantes varia entre 21 e 51 anos. Temos um participante com 21 anos, um com 22 anos, um com 23 anos, um com 24 anos, dois participantes com 27 anos, um com 29 anos, dois com 30 anos, um com 32 anos, um com 40 anos e um com 51 anos.

Gráfico 1. Idade dos participantes

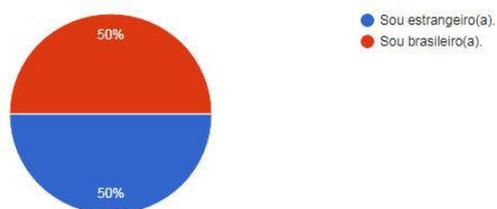


De acordo com o gráfico abaixo tivemos 50% de brasileiros e 50% de estrangeiros.

Gráfico 2. Nacionalidade dos participantes

3. Selecione uma das opções abaixo

12 respostas



De acordo com a tabela abaixo tivemos participantes de 8 nacionalidades diferentes.

Tabela 4. Nacionalidade dos participantes

Participante	Nacionalidade
Fr	Gabonês
Nich	Norte-americano
Marc	Francês
Mnabel	Venezuelana
Se Hy	Coreano
Kazu	Japonês
Uya	Ítalo-brasileira
Gab	Brasileiro
Sidn	Brasileira
Jess	Brasileira
Ale	Brasileiro
Mai	Brasileira

De acordo com a tabela abaixo, os estrangeiros possuem grandes diferenças no tempo que estão estudando a LP.

Tabela 5. Tempo de estudo dos participantes

Participantes	Tempo que estão estudando a LP
Nich	20 anos
Fr	1 ano
Marc	1 mês
Mnabel	4 meses

Se Hy	Mais ou menos 3 anos
Kazu	4 anos

De acordo com a tabela e o gráfico abaixo o nível de proficiência dos participantes varia entre: elementar, básico, intermediário e avançado. 16,7% se consideram com nível elementar, 16,7% se consideram no nível básico, 33,3% se consideram no nível intermediário e 33,3% se consideram no nível avançado. Apesar de ser comum falarmos de proficiência apenas para estrangeiros, os brasileiros também puderam marcar o nível de proficiência. Esperava-se que todos escolhessem o nível avançado, já que possuem a LP como língua materna. Porém, alguns brasileiros optaram pelo nível intermediário. Isto mostra como os usuários dessa língua possuem pensamentos negativos sobre os seus próprios conhecimentos sobre a língua materna.

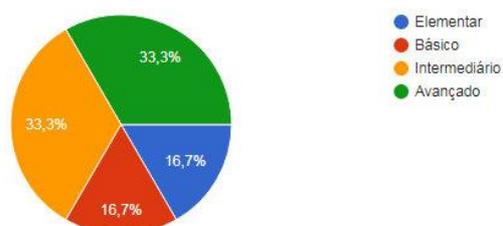
Tabela 6. Nível de proficiência dos participantes

Participantes	Nível de Proficiência
Nich	Avançado
Se Hy	Intermediário
Jess	Intermediário
Fr	Intermediário
Mnabel	Elementar
Uya	Avançado
Marc	Elementar
Gab	Avançado
Sidn	Avançado
Mai	Intermediário
Kazu	Básico
Ale	Básico

Gráfico Nível de proficiência dos participantes

6. Seleccione o seu nível de proficiência em Língua Portuguesa.

12 respostas



A partir dos dados: idade, nacionalidade, tempo que os participantes estrangeiros estão estudando a língua e o nível de proficiência, podemos perceber mais adiante que esses fatores não tiveram influência sobre a compreensão da sentença motivadora de tal trabalho, uma vez que se esperava que o participante que tivesse maior idade entre os brasileiros seria o participante com maior número de reflexões e experiências sobre a língua e dessa forma talvez percebesse com mais facilidade a presença da ambiguidade. Entre os estrangeiros esperava-se que o estrangeiro com maior idade juntamente com maior tempo de estudo do PB e com maior nível de proficiência em tal língua pudesse reconhecer a ambiguidade da sentença mais facilmente. Adiante será detalhado melhor como os fatores de idade, tempo de estudo do PB e o nível de proficiência não interferiram no reconhecimento da ambiguidade. Independe da idade, tempo de estudo do PB e o nível de proficiência nenhum dos estrangeiros reconheceram a ambiguidade. Já entre os brasileiros somente dois não reconheceram a ambiguidade (Ale e Sidn). Talvez, ambos não reconheceram devido a sua história com a língua portuguesa. Ale é um brasileiro que foi morar fora do país aos 12 anos de idade e retornou aos 23 anos, hoje ele está com 30 anos e Sidn é uma mãe, brasileira que mora a aproximadamente 32 anos nos EUA. Ambos viveram um afastamento geográfico da língua materna, no caso da Sidn, esse afastamento continua até hoje. Entre os fatores externos apenas a nacionalidade parece interferir na compreensão da ambiguidade, mesmo assim a diferença é entre brasileiros e outras nacionalidades, ou seja, brasileiros e estrangeiros e não de diferentes nacionalidades entre si.

Ao pedir para os participantes explicarem o significado da frase *O cachorro do vizinho está no quintal* tivemos variadas respostas. Apenas uma pessoa identificou a ambiguidade da sentença já na primeira seção. E apenas uma pessoa interpretou a sentença de forma que o cachorro tem o

sentido de adjetivo, qualidade negativa do homem (caráter). E um dos participantes disse não ter entendido a frase. Os outros participantes interpretaram a sentença de forma que o cachorro [animal, mamífero, melhor amigo do homem] estava no quintal de alguém. Observe a tabela abaixo:

Tabela 7. Interpretação

Participante	Interpretação
Nich	The neighbors dog is in the yard.
Se Hy	Então, aquele vizinho tem um cachorro e agora, esse cachorro está no patio de trás
Jess	significa que o vizinho está no quintal
Fr	Significa que o cachorro do cara que mora bem perto da minha casa está no pátio
Mnabel	El perro del vecino está en el patio
Uya	Pode ter dois significados: o cachorro animal ou o nome "cachorro" ser um adjetivo
Marc	A frase significado que o cachorro da casa proxima esta em nostro propriedade, na frente da casa
Gab	O animal doméstico do vizinho se encontra no quintal da casa dele.
Sidn	Essa é uma frase afirmativa que o cachorro que pertence ao vizinho está no quintal.
Kazu	Não entendi o frase.
Mai	Alguém está enxergando o cachorro (animal) do vizinho no quintal.
Ale	O cachorro do vizinho esta dentro do meu quintal

Ao analisar os dados e considerando o que Chierchia disse sobre as associações que um falante faz de uma mesma expressão poder variar muito de falante para falante, podemos afirmar que essa variação ainda é maior entre os falantes nativos de PB, uma vez que entre eles houve a associação da palavra cachorro com as palavras: vizinho (participante Jess), animal ou homem com mau caráter (participante Uya), animal doméstico (participante Gab), animal que pertence o vizinho (participante Sidn), animal (participante Mai) e animal (participante Ale). Dessa forma, as associações aqui da palavra cachorro feitas pelos falantes nativos foram com os dois possíveis referentes no mundo: animal e homem com mau caráter. Já entre os falantes não nativos as associações feitas foram apenas com o referente animal no mundo. Ainda analisando as interpretações dos participantes, de acordo com a abordagem pragmático-social, Chierchia defende um significado único para uma mesma sentença determinado pela gramática e que todos os usuários daquela língua conseguem compreender, esse fato parece ser evidente no presente

trabalho, já que quase todos os participantes (menos o estrangeiro kazu que disse não ter entendido a frase e a brasileira Jess que nesse primeiro momento associou a palavra cachorro a palavra vizinho), compreenderam a sentença associando a palavra cachorro ao referente animal no mundo.

Além disso, considerando o que Saeed (2003) diz sobre a significação de uma palavra ser também definida por suas relações com outras palavras, os dados nos leva a pensar que a relação da palavra quintal com cachorro levou a maioria dos participantes a compreender a palavra cachorro como animal, mamífero, melhor amigo do homem etc.

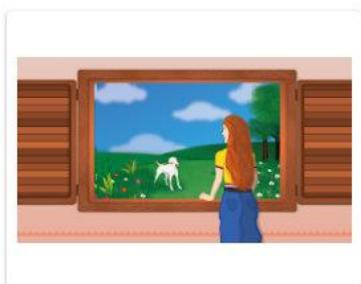
A partir dos dados também podemos verificar que a expressão “O cachorro do vizinho” pode ser usada para descrever dois referentes no mundo. No entanto, a noção de referência parece não ser suficiente para abordar a questão do significado, uma vez que mesmo depois de apresentar aos participantes dois usos diferentes da sentença em contextos diferentes, alguns participantes continuaram sem reconhecer a ambiguidade e outros continuaram com a sua preferência em um significado da sentença. O SN “o cachorro do vizinho” é uma expressão que tem referência no mundo e sentidos diferentes. A partir da análise dos dados, podemos perceber que os brasileiros e estrangeiros não percebem isso da mesma forma. Apesar de não perceberem a referência no mundo e os sentidos da mesma forma, podemos afirmar que o sentido foi percebido se não em sua totalidade em quase toda. De acordo com o que Chierchia disse, o sentido é toda a informação que a expressão traz consigo. Logo, o sentido de “O cachorro do vizinho” pode ser algo como o animal, o bicho de estimação, o melhor amigo do homem como o homem não confiável, de mau caráter etc, e esses foram os sentidos percebidos pelos participantes.

Ao apresentar duas imagens com referentes diferentes no mundo para a palavra *cachorro*, a intenção era analisar se os participantes que antes não haviam percebido a ambiguidade agora optariam por um referente de sua primeira interpretação ou se iria escolher outro referente para a sentença. Analisamos também qual foi o referente escolhido pelo participante que identificou a ambiguidade, uma vez que era possível escolher apenas um referente. Todos os participantes como mostra o gráfico, optaram pela primeira imagem que traz a figura de um animal no quintal.

Gráfico

8. Observe as imagens abaixo e selecione a imagem que você acredita representar o que está sendo dito na frase: *

O cachorro do vizinho está no quintal.



Opção 1



Opção 2

8. Observe as imagens abaixo e selecione a imagem que você acredita representar o que está sendo dito na frase:

12 respostas



● Opção 1
● Opção 2

Ao optarem pela imagem do referente animal, os participantes reforçam novamente a teoria da abordagem pragmático-social de que há um significado único para uma mesma sentença determinado pela gramática e que todos os usuários da língua conseguem compreender. Logo, o significado único da sentença “O cachorro do vizinho está no quintal” é que o animal de estimação do vizinho está no quintal. Importante explicar que por significado único entendemos aqui como significado primeiro, significado que se sobressai sobre outros significados.

Após apresentar as imagens para os participantes, os participantes tiveram que responder se agora eles percebiam a ambiguidade da frase. Em caso afirmativo, deviam explicar as duas interpretações possíveis da sentença. Dessa forma, teve-se as mais variadas respostas. Observe a tabela 8:

Tabela 8. Explicação da ambiguidade

Participante	Explicação da ambiguidade
Nich	No, I don't really see how it is ambiguous. The subject of this sentence is the neighbors dog.
Se Hy	Ah.. na verdade, não percebo não.
Jess	Sim, cachorro pode ser usado também para o vizinho além do cachorrinho
Fr	Sim. A ambiguidade é que a gente não sabe de qual quintal se trata
Mnabel	Pode ser uma pergunta que ela faz o vezinho
Uya	respondi na questão 6
Marc	Nao
Gab	Sim, o cachorro, pode estar se referindo ao animal de estimação ou pode ser uma característica atribuída ao vizinho.
Sidn	Não.
Kazu	Como eu não entendi o frase, não percebi a ambiguidade.
Mai	Sim. A frase em tela tem mais de um sentido, um significado. A pessoa que diz "o cachorro do vizinho" pode está se referindo ao animal de estimação do seu vizinho ou pode estar atribuindo um adjetivo ao seu vizinho que diz respeito ao caráter dele.
Ale	Não sei o que é ambiguidade

Analisando os dados, percebemos que alguns participantes após verem as imagens perceberam a ambiguidade, mas outros ainda continuam sem percebê-la. Os participantes que antes não haviam percebido e que agora reconhecem a ambiguidade são Jess, Gab e Mai. Os participantes que continuam sem perceber a ambiguidade são Nich, Se Hy, Fr, Mnabel, Sidn, Kazu e Ale. Fr e Mnabel tentam explicar a ambiguidade, mas não chegam na questão de fato. Mas Mnabel faz uma reflexão interessante e leva a questão da ambiguidade para outro viés. Pela resposta da Mnabel parece que ela quer dizer que a ambiguidade da sentença está no fato da sentença poder ser uma afirmação ou uma interrogação, muito parecido com o que Chierchia traz em Semântica (2003) ao falar da abordagem pragmático-social. Chierchia afirma que uma sentença de significado único pode ser interpretada de várias formas, como uma ordem, pedido, insulto etc. Podemos, portanto, utilizar uma mesma sentença para executar diferentes atos. Podemos ter intenções distintas ao utilizarmos uma mesma sentença em situações diferentes.

Por fim, analisando o gráfico e a tabela abaixo, concluímos que aqueles participantes que

não conseguiram reconhecer a ambiguidade no primeiro formulário, também não haviam pensado na ambiguidade da frase antes de ver as duas imagens. Aqueles que reconheceram a ambiguidade já tinham pensado nela antes de verem as imagens. Apenas dois dos seis participantes que disseram que haviam pensado na ambiguidade antes da apresentação das imagens, não conseguiram explicá-la.

Tabela 9.

Participante	Pensaram na ambiguidade da sentença antes de ver as imagens
Nich	Sim
Se Hy	Não
Jess	Sim
Fr	Sim
Mnabel	Não
Uya	Sim
Marc	Não
Gab	Sim
Sidn	Não
Kazu	Não
Mai	Sim
Ale	Não

A partir desses dados observamos que 6 participantes responderam já terem pensado na ambiguidade da sentença antes de ver as imagens e os outros 6 responderam não ter pensado. Apesar dos participantes Nich e Fr terem respondido que haviam pensado na ambiguidade da sentença antes de ver as imagens, como é mostrado na tabela 8. *Explicação da ambiguidade*, esses participantes não conseguiram explicar a ambiguidade presente na frase. O participante Mnabel, apesar de responder não ter pensado na ambiguidade antes de ver as imagens, ele tentou explicar a ambiguidade. Os outros participantes foram coerentes com suas respostas. Os participantes Se Hy, Marc, Sidn, Kazu e Ale disseram não terem pensado na ambiguidade antes de verem as imagens e também não explicaram a ambiguidade da sentença. Já os participantes, Jess, Uya, Gab e Mai responderam já terem pensado na ambiguidade antes de verem as imagens e haviam explicado tal ambiguidade. A ambiguidade, no entanto, foi pensada antes da apresentação das imagens apenas por brasileiros. Logo, podemos afirmar que os fatores de natureza extragramatical

não ajudou os outros participantes a compreenderem a ambiguidade, uma vez que continuaram não associando a palavra cachorro a dois referentes diferentes no mundo.

Considerações finais

Neste trabalho, realizamos discussões semânticas a partir da análise de interpretações da sentença *O cachorro do vizinho está no quintal*. Após a análise dos dados, podemos concluir que tanto os estrangeiros quanto os brasileiros tiveram dificuldades para reconhecer a ambiguidade da sentença. A maioria tomou como referente apenas *cachorro* como um ser no mundo que é mamífero, animal, melhor amigo do homem. A maioria identificou o léxico *cachorro* como substantivo e não como adjetivo.

Os dados também nos mostram que, após a apresentação de duas imagens com dois possíveis referentes no mundo, os brasileiros reconheceram e conseguiram explicar a ambiguidade da sentença. Apenas a brasileira Sidn e o brasileiro Ale continuaram não reconhecendo a ambiguidade, mesmo após a apresentação das imagens. Podemos deduzir que isso aconteceu pelo fato de Sidn estar morando a anos fora do país e portanto não ter muito contato com a LP. Já o caso de Ale é que ele foi morar na Holanda aos 12 anos de idade e retornou ao Brasil com 23 anos. Logo, ele possui algumas dificuldades no uso da língua portuguesa e talvez para ele seja mais difícil reconhecer ambiguidades como a apresentada aqui. Poderíamos, então, questionar se o mesmo não deveria ter acontecido com Uya, já que ela também é brasileira e está morando fora do país. Talvez, o mesmo não ocorreu com Uya e ela foi a única a reconhecer a ambiguidade no primeiro formulário, porque a relação dela com a língua portuguesa está ainda muito forte já que ela está ensinando a LP para sua filha e faz parte da organização de um grupo de mães que querem ensinar LP para seus filhos como língua de herança.

A hipótese de que a relação entre as palavras *cachorro* e *quintal* pudesse fortalecer a interpretação de que *cachorro* é um substantivo [mamífero, animal] parece se afirmar nesse experimento, uma vez que a maioria dos participantes em um primeiro momento e até mesmo no segundo interpretou *cachorro* apenas como nome de um animal. Dessa forma, o que Saeed (2003) afirma sobre a significação de uma palavra ser também definida por suas relações com outras palavras parece se confirmar aqui. Não estamos tratando aqui de relações apenas estruturais da língua, mas sim relações de significados.

Chierchia ao abordar a abordagem pragmático-social diz que há um significado único para uma mesma sentença determinado pela gramática e que todos os usuários da língua conseguem

compreender. Podemos dizer que no presente trabalho isso parece se afirmar, uma vez que todos conseguiram inferir que *cachorro* (o animal) do vizinho estava no quintal. Podemos inferir que talvez haja uma força de significação em sentenças ambíguas. Essa força de significação seria representada pelo fato de que uma interpretação sempre se sairá sobre a outra interpretação. Sempre haverá uma interpretação mais fácil de ser reconhecida.

Referências Bibliográficas:

CANÇADO, M. Manual de Semântica: noções básicas e exercícios. Belo Horizonte: Editora UFMG,, 2008.

CHIERCHIA, G. Semântica. Trad. Luis Arthur Pagani, Lígia Negri, Rodolfo Ilari. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Londrina, PR: Eduel, 2003.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. *Didática*, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

SAEED, J. *Semantics*. Malden (MA): Blackwell, 2003.